

# A MEMÓRIA É UM CAVALO SELVAGEM



Pedro Pérez

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

EDITORACÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório

FOTO DO AUTOR: Luiz Carlos Vaz

CAPISTA: Luiz "Minduim" Vasconcellos

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P438m PÉREZ, Pedro. 1961 -.  
A memória é um cavalo selvagem / Pedro Pérez – Guaratinguetá, SP:  
Penalux, 2019.

294 p.: 23 cm.

ISBN: 978-85-5833-593-5

1. Romance I. Título.

CDD: B869.93

---

Índice sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

# SE NÃO SOUBERES LER, NÃO LÊ

*Ler quer dizer pensar com uma cabeça alheia,  
em lugar da própria.*

SCHOPENHAUER, “Sobre Leitura e Livros”.

E então, de uma hora para outra, estando em débito com meus demônios e com pouca paz entre meus dias, decidi contar parte da história da minha vida, porque de toda não lembro. O material de que fui feito é, naturalmente, humano, mas nem todos os seres humanos cumprem as mesmas sinas apenas por conta dessa simples identidade da biologia. Estou convencido de que fui extremamente contemplativo durante esses meus quase sessenta anos de idade, e formei convencimentos definitivos sobre não mais coisas dos que os quatro dedos e dois terços (meu anelar tem uma amputação parcial) da mão direita. Exercendo a profissão de professor de filosofia do direito, receio não ter nutrido os entendimentos mais acertados para repassar a meus alunos, mas também desconfio de que poucos buscaram isso em mim. Não fui uma luz, fui uma escuridão. Continuo sendo uma escuridão, e isso satisfaz meu espírito de pouca sede em relação ao que se considera habitualmente ser um professor. Oferecer o breu é mais proveitoso do que fazer alguém dançar inconsciente em meio a uma claridade ofuscante. Se os fiz ter mais dúvidas, cumpri meu dever, considero-me melhor em formular perguntas do que conceber respostas. De qualquer maneira, o esforço definitivo para realizar essas confissões eu o devo a um desespero interior que não me abandona há

mais de cinquenta anos e que me paralisa diante da maioria das atividades cotidianas. Era menino quando tudo começou. Meu caráter, minha lucidez, minha organização, tudo se definiu condicionadamente a essa paralisia. Compreenderás minha enfermidade, espero.

Conto não mais do que fatos vagos, alguns encontros com poucas pessoas, e procuro inventariar emocionalmente meus passos. Desfavorecido por meu temperamento inconstante, maltratado por vicissitudes que não aprecio recordar, fui vitimado por farta adjetivação, para o bem e para o mal. Todas devem estar certas, penso; afinal, eu próprio não sei bem o que significa caráter, retidão e amor. Como disse, estou pouco certo acerca dos conceitos que nos conduzem a esses impenetráveis valores, e sempre tenho a sensação de que há um juiz em cada esquina, em cada bar, em cada casa. Todas as coisas flutuam sobre a Terra, e considero arrogante todo aquele que explica essa flutuação com argumentos científicos. Aprecio as informações dos artistas, que não explicam nada. Talvez sejam mais leves, hesitem, oscilem entre vontades igualmente potentes e que não levam a um mesmo lugar. Um cientista é pesado e tem pouco pudor, quer exterminar a ilusão como um policial que mata em nome da lei. A lei e a ordem, aliás, são o que animam as almas dos cientistas, esses seres que, ao sentarem sob as estrelas, tratam de dar nomes a elas com uma emoção catalogadora.

Minha história começa na cidade em que nasci, com meus avós e meus pais. Hoje, meus avós e meus pais estão mortos, minha mãe levou uns três anos morrendo. Velha, doente e acamada, já não me reconhecia em seu leito definitivo, mas seus olhos eram duas pedras que se recusavam a dormir como minerais.

O que vivi, imaginei, e o que imaginei, vivi. Estou aqui para enlear com um pouco de literatura os fatos brutos da minha existência. Não sou um cientista. Sou uma sopa liquidificada de todos os sucos do meu coração imperfeito. Sequer sei se me concedo o direito de revelar-me. Falta-me alguns detalhes importantes desse sujeito que sou. Apesar dessa imprudência, estou um tanto certo de que não se trata de uma autobiografia. Há um indivíduo que meu corpo movimenta, e aquele a quem,

com muito custo, chamo de *eu*, apenas o contém. Mas é algo mais e não pode ser retratado. Minha impiedade não lhe tem consideração suficiente para suportá-lo; na verdade, eu só tolero parte de mim. Desse fragmento, aliás, tenho alguma compaixão, e declaro honestamente que não é um pequeno nicho de benevolência de baixo valor. Até aprecio confundi-lo com o esconderijo que sou. Nessa gruta guardo os vários seres que me constroem, e de todos eles faço uma unidade que vive. Um ser humano não é muito, mas também não é assim tão pouco. Depois de Freud, contudo, havendo ficado explicável, ficou menos intrigante. No fundo, inventario só a minha superfície. O resto é ciência. As coisas que conto pretendem ainda viver no mesmo ambiente em que teima estar a poesia, essa velha tentativa de nos aconchegarmos junto ao belo. Mesmo que só pela beleza. Mesmo que jamais pelo sentido das coisas. Por favor, se não souberes ler, não o faças. Ainda que em boas mãos, a incompreensão será sempre um estilete à espera de algum descuido.



## CAPÍTULO I

# O RÁDIO VALVULADO

*Manejo minha infância perdida como se fosse um chicote.*

*Nunca estive tão longe de mim sem me desejar tanto.*

LÊDO Ivo, “Linguagem: Terra Quadrada”.

O pai do meu pai tinha um rádio que funcionava com válvula. Meu avô girava, um pouco antes do almoço, o botão da esquerda daquele aparelho grande para ligá-lo. O rádio era mesmo imenso. Ficava sobre uma mesa própria para suportá-lo, e somente a ele. Era uma geringonça solitária pousada sobre aquela mesa. Meu avô esperava a válvula esquentar para começarmos a ouvir, em tom crescente, a voz dos locutores, ou a música final do programa anterior ao noticiário. Ouvia-se apenas uma parte dessa música, talvez fosse muito longa para ser escutada inteira. Os programas já tinham horários um tanto rígidos. Ela tinha um tom grave, havia sons de pratos de orquestra, e isso emprestava alguma grandiosidade solene ao programa que invariavelmente morria em um *grand finale*. Esse programa, o anterior ao noticiário do meio-dia, trazia notícias da cidade através de um repórter móvel. As informações dependiam da imaginação de um radialista sem assunto, floreando pequenos acontecimentos, enfatizando as indigências factuais de minha cidade, falando lentamente para ajudar o relógio birrento do estúdio da Rádio Difusora. Sempre no mesmo horário, meu avô estalava o botão frontal do seu aparelho. Acontecia de nunca se enganar, e ao ligá-lo ouvia-se, após o aquecimento angustiante

da válvula, os pratos da orquestra tocando uma música altissonante; logo após, vinha o início da chamada, igualmente musical e invariável, mas com um tom menos circunspecto, do informativo do meio-dia.

Recordo-me do meu avô sentado, esperando o som vir. Ficava sério, com uma atenção cerimonial, até as notícias começarem. As notas lidas eram tristemente subnutridas: nada acontecia com uma importância real, mas as cidades do interior são pouco exigentes com seus realces e toda gota vira mar. Falava-se de planos públicos da Prefeitura Municipal para arrumar os buracos da via tal; da inauguração de alguma obra e das autoridades que compareceram; de algum acidente automobilístico; dos problemas das escolas; do frio glacial do inverno; das canículas que derretiam as pessoas no verão; havia sempre as informações sobre os horários dos ônibus que partiam e chegavam à pequeníssima estação rodoviária. Mas também era possível noticiar-se um casamento de estancieiros, ou um abigeato nas terras dessa gente fazedora de receita farta com cabeças de gado; ou ainda revelar que um negro fora visto vadiando próximo a uma loja de *gente bem*. A expressão *gente de bem* era contrata àquela época. Um negro desocupado, suas roupas rarefeitas, seu corpo sumido e sua cara de fome atestavam a existência de um bandido em estado de latência. Seria invariavelmente suspeito do que poderia fazer. A cor e a pobreza não ajudavam os negros desvalidos, e como um negro era sempre um desvalido todo negro era suspeito e mal visto. Minha terra há cinquenta anos era orgulhosamente racista. Os negros eram só negros, tinham a cor da gentinha, em geral a população se precavia deles com uma fereza segregadora muito bem calhada à Campanha inteira. Uma faixa de terra que estende seus municípios deitados sobre o dorso do Uruguai e uma verruga da Argentina, indo talvez de São Borja a Candiota e aceitando a parte mais ao sul da Serra do Sudeste, onde se encontra apelidada a pequena Serra das Asprezas é o que eu chamo, talvez discordando da ilustração dos geógrafos, de Campanha. Os únicos municípios não encostados no Uruguai eram Uruguaiana e o Alegrete até bem pouco, mas agora a sanha de independência convocada pelos arrecadadores de impostos emancipou Hulha Negra e Candiota, e assim são três ou um pouquinho mais as comunas



da região da Campanha que, se não são indissociáveis do Uruguai e desse apêndice argentino, tudo se há de dever a algum documento sem pudor, e não à vontade de seu povo.

Vendo-se um mapa como sempre se vê um mapa, de cima, a Campanha é uma faixa de montes pequenos, essas ondulações semiesféricas parecidas com arremedos de montanhas, e suas canhadas, que são as baixadas planas entre estes montes; há pedras dentro do verde dessas elevações pouco altas, aqui chamadas cerros; esses campos são povoados por cavalos, gado bovino e ovino e uma gente selvagem e pura, cruel e cândida, com desconfianças de criança e atos brutos de adultos abarbarados. E se algum outro município aí couber e me escape, ou se um inesperado desenvolvimento humano aí se instalou desde aqueles tempos para cá, não quero eu saber, que a gente da minha reminiscência é a incivil e malcriada, não foi falquejada pelos modos da virtude estética e nem catequizada pela escola para se ajustar a uma maneira diversa de ser.

Na minha cidade, a estação rodoviária tinha uma cor verde esmaecida, como costuma ser o verde das casas humildes ou das habitações rurais. O verde pálido é uma cor desajudada, os pobres a apetezem, é um tingimento modesto e desafetado. Há certa humildade nele, como se fosse a impregnação de uma beleza de classe, a pobreza dentro do verde. A riqueza, cheia de graça e invenções cromáticas, admira as cores bem postadas e até as berrantes. Onde está mesmo a beleza? Eu nunca soube o lugar onde ficam as coisas esplêndidas, mas confio que o esplendor muda de forma na cabeça das pessoas. A propósito dessa instabilidade, reparei que todo o prédio que queria ter alguma elegância esmerada no início dos anos setenta ostentava vidros fumês, escondendo seus *voyeurs* e fazendo as pessoas nas calçadas serem notadas em seus movimentos naturais através de um fetichismo velado. A invisibilidade do observador também facilitava as intrigas daqueles habitantes que não tinham alguma novidade de maior saliência:

– *Olha lá a saia da mulher do Chico. Tem um cara na Caixa Federal que comeu ela.*

– *E eu sei quem foi.*

---

Este livro foi composto em Adobe Garamond Pro  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
pólen soft 80 g/m<sup>2</sup>, em dezembro de 2019.

---